



Director literario:

Arquibaldo Campesina
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Lallés
PAPUSSE

Dona Vitória Prudência



*Dona Vitória Prudência
Da Circunspeção Cautela,
Era uma casta donzela,
A trasbordar de inocência.*



*Um dia foi passear...
E ouvindo um grande bulcio,
Percebeu que era um comicio,
E pôs-se a ouvir discursar.*



*Um orador exaltado,
Sobre um palanque de pinho,
Falava para o povinho,
Que escutava embasbacado.*



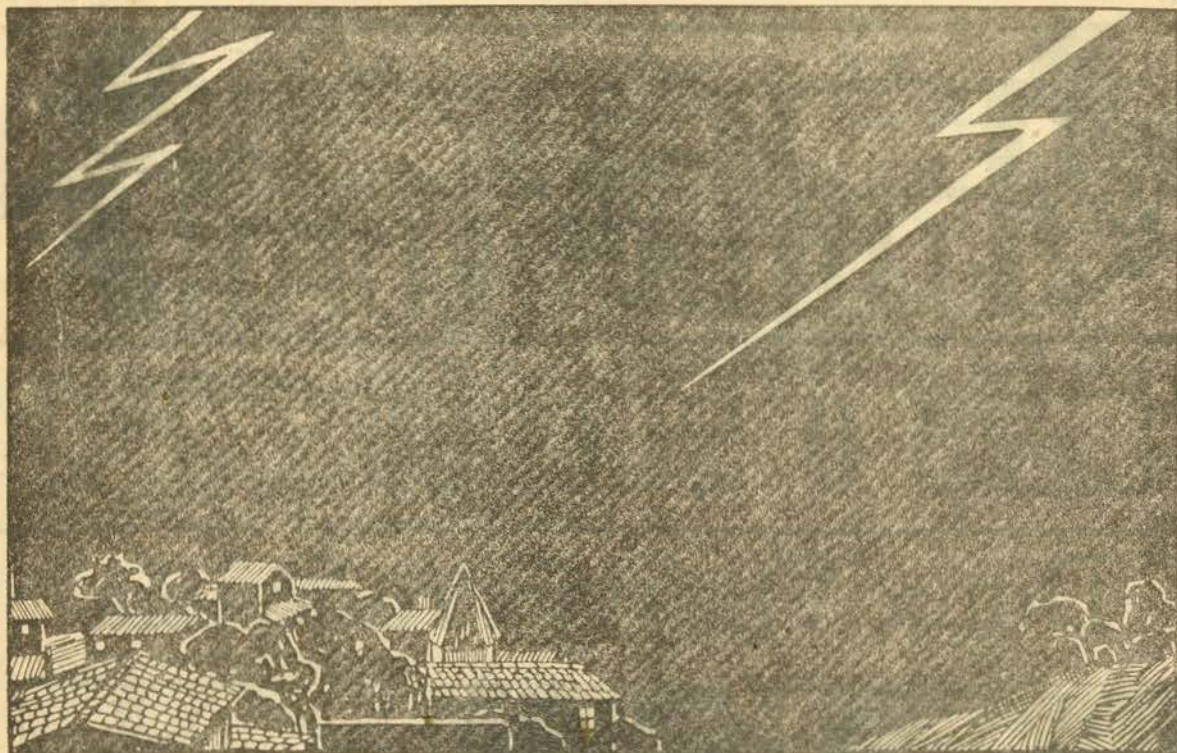
*Maluco, quasi possesso,
Berra com nervos e alma:
— Anossa divisa é calma,
Trabalho, Ordem, Progresso!*



*Prudência! — (bradava, então,
Em seus rasgos de oratória,) —
Coutela, circunspeção,
E será nossa a Vitória!*



*Mas, Vitória, levantando
A mão como garra adunca,
Grita indignada: — isso nunca!
E sai fula, resmungando...*



NOSSO SENHOR QUE RALHA...

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

CÉU cinzento... Chuvisca!...
Uma chuva miudinha, impertinente, arisca,
Das núvens tomba!

Súbito, risca
Uma faísca...
Zut... o céu cinzento!

Rebum... bum... bum... bum!... ribomba
A trovoada que respeito incute!

Zut...!
Outra faísca
Abre os portões do Inferno, par em par,
Defronte,
No Horizonte,
Entre os prantos do céu e os rugidos do mar!

Fóra...
De novo tomba,
Agora,
Uma chuva de pedra torrencial;
E um
Novo trovão ribomba:
— Rebum... bum-bum!... bum!... bum... bum!...

—«Jesus nos valha!»
Reza uma avó grisalha,

Entre dois netos loiros,
Dois formosos tesoiros
Pequeninos!
— Rebum, bum-bum!...
— «Meninos,
Nosso Senhor que ralha!»

E ouvindo o forte pregão,
A avó grisalha as mãos junta
Rezando baixinho. Então,
Um dos netinhos pergunta:
— «Avó, porque é que Deus ralha?!
Porque é que faz trovoada?!

Torna a avósinha grisalha:
— «Por tudo que não lhe agrada;
Pois, se há gente que trabalha,
Há gente que não faz nada!

Porque uns têm oiro a rodos,
Outros nem míseros cobres;
Porque entre os homens nem todos
Sabem respeitar os pobres!
Porque há quem tenha maus modos
Para os que vivem na rua,
Rotos, descalços, sem lar...
Porque, se há noites com lua,
Alminhas há sem luar!»

Nosso Senhor que Ralha...—(Continuação)

— *Rebum!*... *bum-bum!* continua
 Nosso Senhor a ralar! ..
 Porque há meninos que são
 Maldosos
 E mentirosos!

Zut... zut!... outro clarão
 Ilumina céus e mares;
 Bum-bum-bum! novo trovão
 Rebôa,
 Atrôa
 Nos ares!

E a avó grisalha, entre os dois
 Nêtinhos loiros, implora,
 Suplica com muito amor:
 —«Sejam bons; não mintam, pois
 Se o não são,
 Com sua voz de trovão,
 Lá da mansão
 Onde mora,
 Ralha-vos Nosso Senhor!

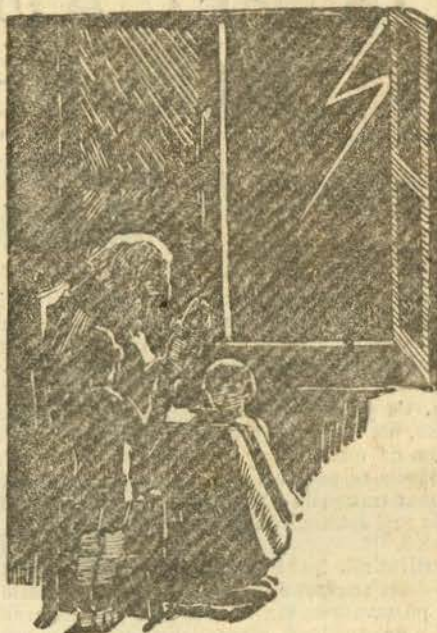
Prometem, serão bomzinhos,
 Dizer a verdade só?!»
 —«Sim, prometemos, avó»
 Volvem, em côro, os nêtinhos.

* * *

Agora,
 A chuva cessa;

Um sol de oiro
 Vem incidir sobre o cabelo loiro
 Dos dois nêtinhos e
 Sobre a cabeça
 Da avó grisalha...

Nosso Senhor já não ralha...
 O Nosso Senhor sorri!



ADIVINHAS

PROVERBIOS POR INICIAIS

1.º	4.º
G. E. D. A. F. T. M. D. V. S. V. A. L.	
2 4 1 3 2 1 2	1 2 1 2 1 2
2.º	5.º
M. O. T. V. V. S. Q. B. C. P. A. V.	
4 4 1 3 4	1 2 1 3 3 1 2
3.º	6.º
C. U. E. S. C. E. R. N.F.A.O.O.Q.N.Q.O.T.F.	
2 1 1 2 2 1 1	1 2 1 2 1 1 1 2 1 1 2

Carlos Pedro da Silva

N. B. — As letras são as iniciais de cada palavra que o proverbio contiver, e os números indicam o número de sílabas que cada palavra tem.



Meninos:

Se vêem bem ao longe, com certeza descobrem a cara d'êste aviador.



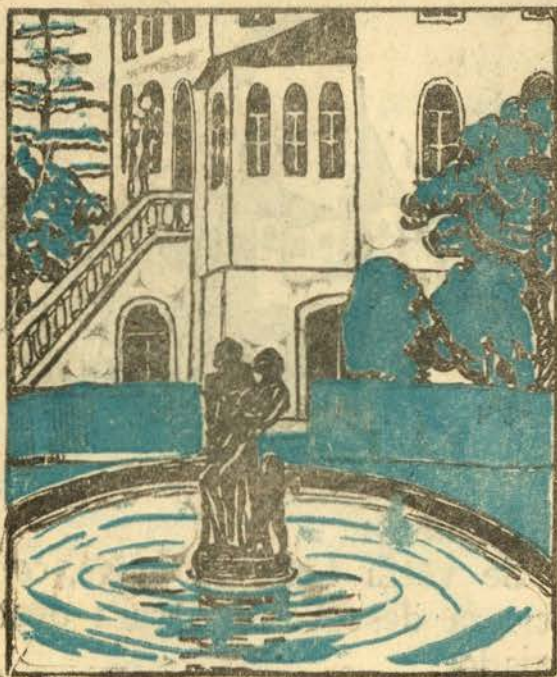
OS PECADOS MORTAIS... DOS PEQUENINOS

JOÃO BOTTO DE CARVALHO
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

O Carlitos era um menino muito rico. Vivia numa quinta muito grande, com um palácio muito alto ao meio, muitas árvores e flores e um parque enorme com alamedas debruadas a buxo. No meio do arvoredo havia um lago com estátuas de bronze e lindos jogos de água. Os peixinhos nadavam, uns encarnados outros prateados, em ágeis movimentos elegantes.

No fim da quinta, por uma escadaria de pedra trabalhada, descia-se para uma praia muito espelhante e clara. E o mar tranquilo e manso parecia um outro lago muito grande sem estátuas de bronze e sem peixinhos a nadarem dentro.

O Carlitos não tinha nem irmãos nem irmãs. Era o único filho duns senhores muito bem postos e muito delicados que passavam os dias e as noites a passeiarem de automóvel e de gasolina, a receberem visitas e a comerem umas coisas muito boas, muito doces e bonitas. Gostavam muito do Carlitos. E como gostavam muito d'ele e eram muito ricos, não havia vontade que lhe não fizesse, capricho que não fosse satisfeito. Tinha um anel com um



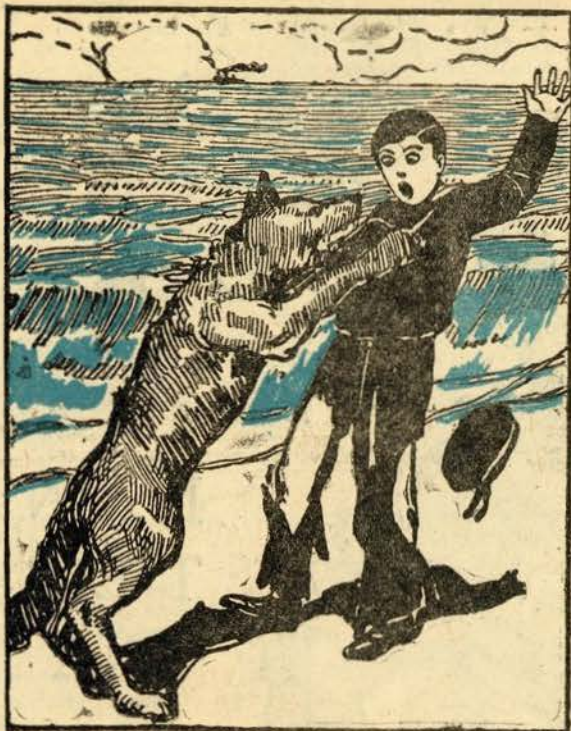
brilhante, relógio e corrente de ouro. Fatos novos nem tinham conta. E então brinquedos eram tantos que o Carlitos não brincava nunca, atarantado sempre, sem saber o que havia de escolher.

De resto o Carlitos, apesar dos seus oito anos, gostava pouco de brincar. O seu prazer maior era mostrar-se e dizer que era rico. Não dava nunca a ninguém os bons dias ou as boas tardes. Tratava todos por tu. E, se encontrava alguém, só sabia dizer: — Olha, eu tenho fato novo! Já viste o meu relógio de ouro? Repara no anel que me deu o papá.

E se alguém lhe respondia alguma coisa, dizia logo: — O meu papá é muito rico e eu hei-de ser mais rico do que ele.

Quando, ao passar na quinta, encontrava os filhos dos trabalhadores, uns trabalhando já, outros brincando com cavalos de cana ou bolas de papel, dizia sempre: — Eu tenho um cavalo muito grande e muito bonito e uma bola de borracha que salta mais do que essa e vocês não têm.

E apontando, depois, para os fatitos rotinhos das crian-



ças, troçava delas: — Vocês não tem vergonha de andar rotos; eu tenho um fato novo.

Por isso ninguém gostava do Carlito. Chamavam-lhe o toleirão, o malcriado. Faziam troça d'êle, dos seus ares arrogantes de pessoa crescida, do seu orgulho desmedido como se, tão pequenino ainda, todo o mundo fosse d'êle.

Havia uma velhota lá na quinta, a tia Antônia, mulher que não tinha pápas na língua que, quando êle passava, lhe dizia:

— Ora viva lá, muito bons dias, menino Carlinhos. Fale à gente e guarde o seu dinheiro.

E depois ficava a resmungar:

— Se tem muito, coma cinco vezes ao dia e que lhe faça bom proveito. Ora o toleirão, ora o pocinho de soberba!

Os outros meninos ricos que com êle se encontravam na praia, também não gostavam d'êle.

Convidavam-no para brincarem juntos mas o Carlitos lançava-lhes um olhar desdenhoso e às vezes nem lhes respondia. Não os deixa nunca brincar com os seus brinquedos.

Então, os meninos combinavam não se meterem mais com o Carlitos.

E quando o contaram às suas mães, elas disseram-lhes:

— Deixem lá, meus filhos. O Carlitos é um menino muito feio que há-de ir para o Inferno quando morrer. Nosso Senhor não gosta dos meninos assim. A soberba é um feio pecado. Os meus filhos nunca assim serão. E' preciso gostar de todos, ser bom para todos, falar a toda a gente, aos pobresinhos e aos ricos como se fossem iguais porque todos são filhos de Deus.

Os pequenitos ouviam e quando, depois, encontravam o Carlitos, diziam-lhe:

— Tu és feio. Não gosto de ti.

Ora o menino Jesus castiga sempre os meninos que são feios. Por isso, um dia, o Carlitos também teve o seu castigo.

Andava êle a passear na praia, numa tarde de grande concorrência, de fato novo e grande ar de importância, entre os olhares de toda a gente, quando um cão muito grande, um lobo d'Alsácia, que por ali saltitava e brincava em ágeis correrias, se pôs a dar saltos em volta d'êle, a querer brincar com êle.

Ora o Carlitos não gostou que o cão lhe fizesse aquilo. Queria andar a passear muito direito, mostrando o seu fato novo, o seu chapéu de palha de Itália, as suas meias altas coloridas. O cão punha-se aos saltos e êle tinha de

parar de correr enquanto os outros meninos começavam a rir de o ver assim.

O Carlitos, habituado a mandar e a ser obedecido, desatou a gritar:

— Chta! cão, vai-te embora. E fazia o gesto de apanhar pedras e de lhas atirar.

Mas o cão, quanto mais via aquilo mais brincava com êle. De forma tal que o Carlitos, cheio de raiva, quando o cão se aproximava mais, empurrou-o e bateu-lhe. Ora o cão não tinha feito mal nenhum para que o castigassem. E os animais, que tem um grande instinto e percebem as coisas, castigam sempre os atrevidos. Foi o que o cão fez. Quando sentiu o Carlitos bater-lhe, atirou-se a êle, fincou-lhe os dentes nas calças e rasgou-as. Depois deitou-lhe as patitas aos ombros e rasgou-lhe o casaco. Se não lhe acodem, o Carlitos ficava todo nu. Mas logo vieram em seu auxilio e agarraram o cão e puzeram o Carlitos em pé. Então, ao verem que êle não ficara ferido e apenas ficara todo roto, todos os meninos começaram a rir.

O Carlitos ao ver aquilo, de raiva, desatou a chorar. Subiu as escadas a correr, cheiinho de vergonha e atravessou a quinta. Mas aí, os filhos dos trabalhadores de quem êle costumava fazer troça por andarem pobrêmente vestidos, ao verem-no naquele estado, todo resgado e sujo de ter caído, diziam em côro:

— Então o menino Carlitos não tem vergonha de ser tão rico e andar assim todo rasgado e sujo como se fosse um filho de mendigo!?...

O Carlitos não sabia como correr, tal a vergonha que levava. Quando chegou a casa, nem podia falar. Com o susto que apanhou, veio-lhe febre e teve de ir para a cama. E de noite teve um sonho terrível em que êle se via no Inferno por ser um menino feio e mau, com um cão a mordê-lo e a rasgá-lo e os outros meninos em volta todos a rirem, a fazerem troça d'êle.

Quando acordou na manhã seguinte, muito pálidozinho, começou a pensar naquilo tudo e tão bem compren-



deu aquela lição que lhe ficou de emenda e, daí por diante, nunca mais foi orgulhoso, nem fez troça de ninguém, nem tornou a falar no seu dinheiro que, por ser muito, não evitou que êle andasse rotinho como os pobres.

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

PÁ-TÁ-
PÁPOESIAS
INFANTIS

POR

AUGUSTO
DE
SANTA
RITADESENHOS
DEEDUARDO
MALTAÀ
V E N -
D AB R E V E .
M E N T EL A N -
T E R -
N AM A G I -
C A

IV

VOLUME

PEDIDOS À ADMINISTRAÇÃO DE «O SÉCULO» — Rua do Século, 59

L F L I T A

POR MARIA ROSA RESEDA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

TINHA oito anos, a loira Lélita. Vivía com os pais na mais linda casa que possa imaginar-se, cercada de carinhos e suave conforto, pois os pais não viam outra coisa no mundo a não ser a filhinha que adoravam. E Lélita era bem merecedora disso, porque além de ser muito meiga e dócil, possuía um coraçãozinho de ouro; os pobrezinhos tinham nela uma protectora desvelada, que nunca os deixava partir sem que o saco das esmolas estivesse bem cheio e tinha sempre uma palavra carinhosa para os confortar e consolar na sua triste vida. A par disto, gostava muito de correr e pular, o que era próprio da sua idade, e às vezes, como era muito viva e traquina, incomodava bastante os seus paisinhos, que se viam obrigados a mandá-la sossegar, no que prontamente eram obedecidos, pois Lélita sabia bem que a desobediência é uma coisa muito feia.

Num certo dia, em que a chuva caía incessantemente, uma chuva miudinha, impertinente, a mãe de Lélita ficara de cama, com fortes dores de cabeça, e como o barulho a incomodava, mandara já dois re-

cados a Lélita, para que estivesse quieta. A pequenita prometia que sim e, de facto, durante alguns minutos, entretinha-se a espreitar a rua, mas depois esquecia-se da recomendação da mãe e continuava a correr e a saltar na sala das lições, que era contígua ao quarto da doente. Terceiro recado e desta vez com a ameaça de que a punha de castigo se continuasse, foi trazido por Sofia, a velha criada que idolatrava Lélita. Querendo evitar que ela fôsse castigada, pegou-lhe na mão e disse:

— Venha para o seu quarto, menina. Hoje, então, está mais endiabrada do que nunca e parece-me que gosta muito de ser castigada... concluiu Sofia, com um sorriso malicioso.

— A culpa não é minha, mas sim da chuva... respondeu Lélita, amuada. Se não fôsse ela, podia ir brincar pr'ó jardim, o que era muito mais divertido.

— Pois sim, mas como isso não pode ser, entretenha-se com outra coisa. Porque não brinca com a sua boneca? Coitadinha!... já deve estar farta de dormir...

E Sofia acercando-se dum bonito berço que estava jun-

to da caminha de Lélita, pegou num lindo bébé de louça e foi pô-lo, com muita gravidade, no colo da pequenita.

— Não me apetece nada brincar com a Lóló Bébé, retorquin Lélita enfadada, mas... é verdade, disse ela tornando-se de súbito, muito contente. Hoje vem cá jantar o primo Victor e vai ficar furioso, porque eu ganhei a aposta.

— Qual aposta? indagou Sofia, fingindo-se muito interessada.

— O Victor teimou que eu não era capaz de aprender a poesia do «Preto-Pápusse-Papão» e eu teimei que sim. Então fizemos uma aposta. Ele é o padrinho da Lóló Bébé, (mas nunca lhe dá nada) e como ela tem as orelhas furadas, ficou combinado que: se eu ganhar, êle dá uns brincos à afilhada, e se fôr êle que ganhe, tenho de lhe dar uma caixa de soldados de chumbo, Queres ouvir? Então vou recitar a parte que sei melhor.

E Lélita, pondo-se no meio do quarto, recitou parte dos versos tão lindos e tão bem feitos, do illustre poeta Augusto de Santa-Rita.

.....

...E logo, ao Papim,
Alguém, de um saguão,
Numa exclamação,
Em voz de trovão,
Bradava-lhe assim:
— Menino não se debruce!
Ai! não se debruce!...
Senão
Apanha-o a mão
Do Preto-Pápusse,
Papão
Que papa o Pápim! »

E Lélita ao pronunciar a palavra «papão», fazia uma voz muito grossa para assustar Sofia. Esta fingia ter muito medo, o que divertia imenso a pequenita.

— Muito bem, muito bem! exclamou Sofia, batendo as palmas, quando ela acabou. Vejo que a menina tem muito jeito para recitar e facilidade para aprender.

— Sabes quem me ensinou? Foi a tia Maria Rosa, porque eu ainda leio muito mal e sózinha nunca mais aprendia. Mas não digas nada ao Victor, senão êle não me dá os brincos e a Lóló Bébé fica muito triste... E agora senta-te aqui ao pé de mim e conta-me uma história.

— Não pode ser, menina; a sua mãezinha está a chamar-me. Olhe, até que emfim que acabou de chover e o sol já começa a doirar tudo.

Sofia abriu a janela de par em par e logo um raio de sol entrou pelo quarto e foi poisar sobre a linda cabecinha de Lélita, cercanda-a de uma auréola de ouro. A velha criada pegou na pequenita e pô-la em pé, sobre um banquinho, junto da janela.

— Entretenha-se a ver quem passa, muito socegadinha, que eu não me demoro. Mas... cautela, menina... «Não se debruce... senão...» pode-lhe aparecer o «Preto-Pápusse-Papão» que desta vez não «papa o Pápim» mas sim a Lélita... E Sofia, rindo, saiu do quarto. Lélita sentou a boneca no parapeito e entreteve-se a examinar a rua. Naquele momento passava, diante da janela, uma pequena pobremente vestida, que, vendo a boneca, parou a contemplá-la. Era Amélia, a filha da engomadeira. Lélita brincara com ela, algumas vezes.

— Adeus Amélia, disse Lélita ao vê-la; vais passear?

— Não, menina. Fui levar uma roupa que a minha mãe engomou e agora vou para casa.

Mas os olhos da pequena não deixavam de fixar a boneca.

— Achas bonita a minha boneca? Tem dois anos

de idade e chama-se Lóló Bébé. E tu não tens nenhuma?

— Não, respondeu Amélia com uma voz muito triste.

— Gostavas de ter uma?

— Oh sim! Gostava tanto, tanto! exclamou ela com vivacidade. E logo num desalento: a minha mãe prometeu-me uma, mas custa muito dinheiro... E duas lágrimas rolaram pelas faces pálidas de Amélia. Lélita sentiu-se muito comovida; apesar da sua pouca idade compreendia o desgosto de Amélia e o seu bondoso coração sofria com isso. E se lhe desse?! Custava-lhe muito, mesmo muito privar-se dela, fazia um grande sacrifício, pois de todas as bonecas que lhe haviam dado, era aquela a sua predilecta. Mas ao lembrar-se que aquele sacrifício ia fazer a felicidade de alguém, levar a alegria a um lar, não hesitou mais. Amélia, vendo que Lélita já não lhe dava importância, fez menção de se retirar.

— Espera, gritou Lélita. Chega-te mais para debaixo da janela; agora estende os braços.

A pequena, um pouco admirada, obedeceu. Então Lélita, pegou na Lóló Bébé e deixou-a cair nos braços de Amélia. A pequena ficou estupefacta; nunca julgara que Lélita lhe desse a boneca. E a mãe, murmurou:

— A menina dá-ma? Posso levá-la para casa?

— Sim, dou-ta; é tua e podes levá-la para casa, sem receio.

— E se a sua mãezinha ralha?

— Não ralha, não; a mãezinha até vai ficar muito contente.

Então, Amélia com um sorriso a bailar-lhe no rosto pálido e os olhos brilhantes de alegria, exclamou:

— Obrigado, obrigado, menina! Deus lho pagará.

E, agarrando na mão branca e fina de Lélita, que pendia fóra da janela, beijou-a cheia de reconhecimento e gratidão. Depois afastou-se muito depressa, caminhando alegremente. Lélita seguiu-a com a vista e quando a viu desaparecer numa esquina, retirou-se para dentro e fechou a janela. Ao passar em frente do grande crucifixo, pregado na parede, por cima do seu leito e olhando maquinalmente para êle, parou, atônita: Os olhos de Jesus, que se conservavam fechados, abriram-se, fixaram-se

meigamente na pequenita. E o seu olhar era tão doce, tão doce, que Lélita ajoelhou, maravilhada. O braço direito do Salvador, despregou-se da cruz e, estendendo-o sobre a cabeça inclinada de criança, abençoou-a. Depois, as pálpebras cerraram-se de novo e o braço tornou ao seu lugar. Durante muito tempo, Lélita, conservou-se de joelhos e de mãos postas, num extase, a contemplar o crucificado.

Meia noite. Uma lamparina espalha pelo quarto de Lélita, iluminando-o frouxamente, a sua luz trémula e fraca. Na sua caminha branca, a pequenita dorme e sorri. De repente a lamparina apaga-se, mas o quarto não ficou às escuras. Encheu-se de luz, de uma luz divina, trazida por um anjo de vestes resplandecentes e àsas imaculadas, o anjo da guarda de Lélita: Aproximou-se do leito, inclinou-se sobre a loira cabecinha e, muito de mansinho, depôs-lhe um beijo na fronte branca e pura. Depois, cobrin-



Continuação do conto LELITA

do-a com as ásas de neve, ali ficou a guardá-la, como um tesouro. E no céu, um vélinho, de longas barbas brancas, tendo um grande mólo de chaves preso à cintura, São Pedro, com a alma a tranbordar de contentamento, des-



crevia num grande livro, o livro das boas obras, a linda acção de Lélita.

F I M

Colecções do Pim-Pam-Pum

Compram-se duas completas, com impressão a cores— Resposta, com o preço, à redacção do Pim-Pam-Pum, rua do Século, 59— Lisboa, às letras I. C.

NO SÀGUÃO

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

ENSABOA, canta e bate...
No sàguão, a ama lavando
Roupa do Tatibitate;
Bate a roupa, bate, bate...
E entretanto vai cantando!

—«Oh! mas que sàguão tão alto!»—
Diz o menino à janela;
Ficando num sobressalto,
Ao ver a primeira estrela
Na nesga do ceu, ao alto.

E, sob a forte impressão,
Torna de si para si:
—«Oh! como é alto o sàguão!

Com certeza é por aqui
Que á noite desce o Papão!

COLABORADORES

LAURA AMÉLIA RODRIGUES



Autora do conto: — MANUELZINHO
publicado no n.º 33 do Pim-Pam-Pum